



EFEITO COLATERAL

—Burla, coronel; este mundo é governado por duas coisas: a força ou a astúcia. O mais, isso de lei, de liberdade e justiça são palavras sonoras para o povo, que no fim de contas não passa de um menino a quem se acalenta com um chocalho.

— Sou brasileiro, nasci cidadão do império e assim hei de viver enquanto houver liberdade em meu país, porque para mim a liberdade não é uma burla para enganar o povo, mas o primeiro bem, que não se perde sem desonra e não se tira sem traição.

Trecho de diálogo entre Bento Gonçalves e Juan Lavalleja, um dos 33 libertadores do que é hoje o Uruguai – José deAlencar – O Gaúcho – Livro Primeiro – Parte IV O Padrinho.

O blog não publicou na última semana o artigo habitual das quartas-feiras; e não pretendia fazê-lo hoje, antecipando-o. Circunstâncias. Seu titular está totalmente absorvido pela nova revisão final de O Gaúcho, que, em si, não tem sido de grande valia. Terminadas as revisões, deixado o texto na gaveta em maturação, e relido após, encontram-se incorreções que lá não estavam ao final da revisão feita. E o hacker de plantão já deu sinal de que está no seu posto.

Os responsáveis pela “arte” estão, generosamente, distribuindo o texto raqueado; não estão prejudicando o editor, como sempre e equivocadamente supõem. O Gaúcho em final de edição destina-se à loja de onairnunes.com e, se impedimento não houver, a publicação simultânea em Apple Books pela utilização do iBooks Author. O livro ficará inicialmente na loja para baixa livre atrelada ao compromisso de quem o fizer doar o pequeno valor de contribuição para a sua edição à entidade de sua escolha que esteja prestando assistência aos desempregados crônicos em

dificuldades devido à absurda situação atravessada pelo Brasil às pessoas de algum modo atingidas pelo coronavírus-19.

Pede-se desde já, tão pequeno é o valor da contribuição, que mesmo aqueles a reboque da *generosidade* dos artistas, com acesso ao texto, podado e/ou modificadas as doze peças introdutórias ao livro, que contribuam com o valor para os destinatários iniciais mencionados acima, desempregados crônicos, vítimas e pessoas expostas ao vírus.

A edição ONS-Editor de O Gaúcho é uma justa homenagem a Alencar pelos 150 anos do livro, depois, uma forma de ajuda humanitária. O titular do blog alimenta a expectativa de que, com boa divulgação, esta iniciativa poderá render significativa ajuda a quem, a despeito dos seus esforços, está no sufoco. Se no final, bem lá no final, render um “capilé” para o editor, beleza! Ele não é pobre soberbo. Mas esse não é o propósito; o trabalho realizado o foi com a finalidade precípua de ajudar pessoas.

Se essas pessoas que estão todo o tempo criando dificuldades para a publicação do livro pararem de apagar o arquivo como aconteceu na madrugada da última sexta-feira para sábado, O Gaúcho estará na loja no máximo na próxima semana. Você, gente boa e do bem vai gostar; é uma obra histórica da nossa literatura e o editor procurou estar à altura do autor. Baixe, contribua e divulgue. Quem sabe, num amplo “de grão em grão”, não conseguiremos um bom dinheiro para ajudar os nossos patrícios necessitados?



No último sábado o Jornal da Cultura informou-nos que a Rede Globo, por decisão judicial de Primeira Instância, não poderá noticiar a respeito de investigações desenvolvidas sobre supostas irregularidades praticadas por um Deputado Estadual do Rio de Janeiro, hoje Senador, que reivindica privilégios não gozados por nenhum cidadão da planície, e mesmo por congressistas investigados. Decisão judicial não se discute, cumpre-se ou dela se recorre. As Organizações Globo compreendem uma gigante da comunicação, e não se tem notícia de que haja, em qualquer tempo, aberto mão de suas franquias constitucionais, até porque o assunto não lhe diz respeito exclusivamente, envolve toda a imprensa. Recorrer ou não é do seu talante, observados os melhores fundamentos constitucionais/jurídicos/processuais para fazê-lo, pacífica, contudo, sua total responsabilidade, na hipótese, em face dos seus congêneres e de toda a Sociedade brasileira, que conta com a imprensa para manter o seu direito constitucional à informação relativamente a qualquer assunto de interesse público.

O efeito colateral: Nem bem iniciada a notícia do fato celebrado por eventuais interessados como uma vitória, os meus aparelhos de televisão começaram a dar problemas. Não pude ouvir a notícia na íntegra e os comentários dos dois ilustres integrantes da bancada, brilhantes, como de hábito. Em seguida o canal, somente o canal 32 ficou sem sinal até o final do noticiário. Coincidência? Terá acontecido o mesmo com outros cidadãos?

Como disse certa vez o grande corintiano Vicente Mateus: O jogo só acaba quando termina. Não há vencedores ou vencidos em uma lide judicial enquanto não cumprido o Inciso LVII do Artigo 5º da Constituição Federal e na pendência de oitiva, em matéria constitucional, do Excelso Supremo Tribunal Federal.



Abaixo a Parte IV do Livro Primeiro de O Gaúcho:

Parte IV

O PADRINHO

Soavam as trindades¹ na torre da matriz.

Manuel Canho ergueu-se e esperou de cabeça descoberta pela última badalada, depois do que saiu na volta da Rua das Palmas onde morava o coronel.

Estavam à porta o cabo de ordens e uma récuca de camaradas paisanos ao serviço do coronel. Não havia então na campanha do sul homem ou estancieiro importante que não se acompanhasse de um bando de gaúchos. O número desses

camaradas, que lembram os acostados² da Idade Média, indicava o grau de preponderância e riqueza do patrão.

Voltara Bento Gonçalves do quartel, e enquanto serviam a ceia foi ter na sala com seu prisioneiro, D. Juan Lavalleya.

O caudilho dava sinais bem visíveis de mau-humor no cenho e na impaciência com que trincava a ponta do cigarro de palha. Por momentos arrependia-se do que tinha feito e lamentava não ter morrido combatendo contra Frutuoso Rivera ou Bento Gonçalves antes do que sujeitar-se à humilhação de render as armas. E a quem? A brasileiros.

Não obstante, no meio desta apoquentação, lá surdia no ânimo do ambicioso caudilho uma ideia que ele ruminava com a mesma pertinácia do dente a morder a palha do cigarro.

Com a entrada de Bento Gonçalves a sofreguidão de Lavalleya aumentou. Correspondendo apenas com um gesto seco à saudação do hospedeiro, ergueu-se e começou a percorrer a varanda de uma a outra ponta em passo de carga. Pelo que se lembrou o coronel de assobiar o toque de avançar a marche e marche.

Ou porque o gracejo do hospedeiro o excitasse, ou porque era chegado o momento da explosão, Lavalleya veio como um foguete até o coronel, exclamando com voz taurina e socando o ar com um murro furioso:

— Coronel, o senhor não é um homem!

Aquelas palavras abalaram Bento Gonçalves, que, de repente, achou-se em pé afrontando face a face o oriental. Mas não passou de um primeiro assomo; a alta estatura que a indignação erguera perdeu a rijeza ameaçadora. No rosto anuviado perpassou o sorriso plácido e sereno das grandes almas, que uma cólera pequena não conturba. São essas almas como o grande oceano, qualquer borrasca não o agita. Para subvertê-lo é preciso o tufão dos Andes.

— O senhor é meu prisioneiro e hóspede desta casa, general, disse Bento Gonçalves sentando-se com a maior calma. Em outro momento e outro lugar eu lhe mostraria que um brasileiro não vale um, mas dez homens; enquanto que são precisos dois castelhanos para fazer meio brasileiro. O senhor deve saber disto.

— Outro tanto lhe podia eu retorquir, mas não estou agora para bravatas. Digo e repito que não é um homem, Sr. Bento Gonçalves, pois se o fosse seria o primeiro de todo este Rio Grande. Em vez de coronel se faria general. Que vale o comando desta fronteira para quem pode, estendendo a mão, apanhar a presidência da província?

— Que pretende dizer com isto, general

— Caramba! No momento em que Bento Gonçalves quiser o Rio Grande do Sul será um Estado independente, como a Banda Oriental.

Está bem claro agora? Para arrancar minha pátria ao jugo do império bastaram trinta e três heróis; bem sei que um deles era D. Juan Lavalleja. O senhor que tem por si toda a Campanha deixa-se aqui ficar bem repousado, a chupitar seu mate, como uma velha, e pica-se porque lhe digo que não é um homem. Mas decerto que não o é. Minha mulher, D. Ana Monteroso, teria vergonha de praticar semelhante fraqueza, ainda que é mulher de quem é, todavia...

— De que lhe serviu ao senhor, diga-me, fazer a divisão da Cisplatina? Retorquiu o coronel com ironia. Lá está seu compadre, dentro do queijo, e eu obrigado bem contra minha vontade a desarmar o herói da independência de sua pátria como um rebelde.

— Lá isso não vem ao caso, é a sorte da guerra. Hoje ganhou meu compadre a partida, amanhã chegará a minha vez; todavia, cá entre nós, quem manda é o mais forte, não somos governados por um menino de sete anos.

— Quem governa é a lei, respondeu Bento Gonçalves em tom seco.

— Burla, coronel; este mundo é governado por duas coisas: a força ou a astúcia. O mais, isso de lei, de liberdade e justiça são palavras sonoras para o povo, que no fim de contas não passa de um menino a quem se acalenta com um chocalho. O Rio Grande lhe pertence, coronel, como a Banda Oriental a mim, D. Juan Lavalleja.

— Vamos cear, general.

— Então deixa passar a ocasião?

— Sou brasileiro, nasci cidadão do império e assim hei de viver enquanto houver liberdade em meu país, porque para mim a liberdade não é uma burla para enganar o povo, mas o primeiro bem, que não se perde sem desonra e não se tira sem traição. Quando eu me convencer que para ser livre é preciso deixar de ser monarquista, não careço que ninguém me lembre o que me cabe fazer. O coronel Bento Gonçalves saberá cumprir seu dever.

Dando esta resposta com tom enérgico, o rio-grandense guiou o caudilho à varanda, onde tinham posto a ceia.

Em uma das extremidades da longa mesa estavam colocados dois pratos com talheres de prata destinados ao dono da casa e seu hóspede. Diante deles fumegava um grande assado de couro e um peixe que enchia a imensa frigideira de barro. Havia além disso ervas e legumes.

Já estavam na varanda os gaúchos da comitiva do coronel, os quais lhe deram as boas-noites. O Canho adiantou-se para beijar a mão de Bento Gonçalves, que era seu padrinho.

— Oh! Estás por cá, Manuel?

— Cheguei esta tarde.

— Como vai a comadre?

— Boa, graças a Deus.

— Estás um rapagão! Abanca-te, vamos cear.

O coronel tomou lugar à cabeceira, dando a direita ao hóspede. Na outra ponta da mesa sentaram-se os camaradas e Manuel, em bancos de madeira; cada um tirou um prato da pilha que havia no centro e colocou-o diante de si.

Depois de servido o dono da casa e o hóspede, os pratos eram levados pelo escravo-copeira para a outra extremidade, onde os gaúchos iam tirando seu quinhão com a faca de ponta que traziam à cinta.

— Vamos ao peixe, general, disse Bento Gonçalves servindo a Lavallega.

Então, Manuel, andas de vadiação ou isto é volta de negócio?

— Nem uma, nem outra coisa. Vim só para falar a meu padrinho.

— Pois fala, rapaz, não percas tempo.

— É sobre um particular.

— Está bem, então logo mais.

Terminada a ceia, enquanto os outros tomavam mate e fumavam, o coronel fez ao gaúcho um gesto para que este o acompanhasse à sala.

— Que particular é esse? Alguma gauchada³, aposto.

— Vim pedir a bênção de meu padrinho para me dar felicidade, e mesmo porque talvez lá me fique!

— E para onde te botas?

— Para Entre-Rios.

— Buscar o quê?

— O homem que matou meu pai!

— Hein!... Depois de tanto tempo?

— São coisas que não se esquecem nunca.

— Não se esquecem, bem sei, mas se perdoam; talvez o sujeito esteja arrependido.

— Melhor, Deus o absolverá.

— Visto isto, estás decidido?

— Desde muito tempo. Há cinco anos a esta parte que descobri o homem lá em Entre-Rios e então pela festa vou sempre para aquelas bandas ver se ainda lá está.

— Estiveste invernando-o⁴ antes de charqueá-lo⁵? Repliou o coronel a rir.

— Sabe Deus quanto me custou deixá-lo sossegado todo este tempo. Mas eu precisava trabalhar primeiro para que a mãe ficasse com alguma coisa.

Tudo pode acontecer e, afora eu, não tem ela quem a ajude.

— E Bento Gonçalves não está aqui, rapaz?

— Meu padrinho tem muitos por quem olhar, não pode chegar para todos. Se eu não voltar, sempre ficará com que acender o fogo.

— Que diz tua mãe a tudo isto?

— Ela não sabe.

Bento Gonçalves deu duas voltas pela sala.

— Escuta, Manuel. Teu coração te pede o que vais fazer? Sentes que sem isso não poderás viver descansado? Fala a verdade.

— Se eu não vingasse o pai, ele me renegaria lá do céu e não quereria para filho um poltrão ingrato.

— Com a breca! Meu ofício não é de padre! Exclamou impetuosamente o coronel. Vai, rapaz, segue teu impulso. Tenho fé em que hás de honrar as barbas de teu padrinho; se chegar tua hora, o que não há de suceder, descansa em paz, que eu velarei sobre tua mãe.

— Obrigado, meu padrinho.

— Deus te abençoe e te acompanhe, Manuel.

Beijou o gaúcho a mão vigorosa do coronel, que se ria estrepitosamente para disfarçar a comoção.

Quando Manuel recolhia-se à pousada ouviu uns rufos de guitarra coados pelas frestas iluminadas de uma grade de madeira que ocupava o vão de uma janela da vizinhança. Ao som do acompanhamento arrastado uma voz maviosa, de timbre infantil, dizia com terna expressão uma cantiga brasileira. O gaúcho, apesar de preocupado, pôde ouvir as seguintes estrofes de quatro versos:

*A minha branca pombinha,
Com tanto amor a criei,
Depois de bem criadinha
Fugiu-me, porque não sei.*

*Quis beijar o seio dela,
Bateu as asas, voou,
A minha pombinha bela,
Foi gavião que a levou.*

— Bravo, Catita! exclamou a voz do Lucas Fernandes.

NOTAS DO EDITOR

1 – Ângelus ('toque') - Hora em que se executa o Ângelus, oração, em latim, de saudação e prece à

Virgem Maria e que se reza ao amanhecer, ao meio-dia e ao anoitecer - Toque do sino que anuncia aos fiéis a hora da Ave-Maria! (No vernáculo)

2 - Indivíduos dependentes de um nobre ou que se punham a seu serviço tendo por paga o acostamento (moradia ou salário)

3 - Um grupo de gaúchos, confusões de namoro, fanfarrice, favor, obséquio, 'quebrar um galho'

4 - Engordar gado para abate; na gíria gaúcha de então, cerco, vigilância estrita

5 - Cortar em mantas a carne do gado abatido para a produção de charque; na gíria gaúcha, retalhar, abater alguém a facadas